

CANCIONEIRO

MARCUS ACCIOLY

# CANCIONEIRO

Edição do Departamento de Extensão Cultural  
da Universidade Federal de Pernambuco

Recife — 1968

Capa de Wilton de Souza

---

Printed in Brazil — Impresso no Brasil

Recife — 1968

Aos oitenta e cinco anos de Nestor Accioly

*A obrigação do artista é não mentir: essa é a sua participação. Há incompatibilidade psicológica entre o escritor e o político. São duas ordens de atividades inteiramente diferentes... No entanto, desde o momento em que se usa a palavra, se cria uma responsabilidade. Assim é preciso que sejam verdadeiros.*

João Cabral de Melo Neto

*Eu preparo uma canção  
que faça acordar os homens  
e adormecer as crianças.*

Carlos Drummond de Andrade

## 1. *A Caatinga*

- Tudo aqui é muito simples,  
Não tão simples, mas igual.  
Uma história é como as outras:  
Vida e morte, tal e qual.
  
- Só que a vida que renasce  
É mais nada cada vez,  
Menos hora cada dia,  
Menos dia cada mês.
  
- Menos tempo cada tempo  
Porque nasce já contida  
Pelo tempo e se repete  
Menos vida cada vida.
  
- Menos tudo, que aprazada  
Tem o prazo resumido  
Que se cumpre antes do tempo,  
Sem o prazo ser vencido.



- Para quem chega de fora  
A Caatinga é litoral,  
Terra limpa, tôda praia,  
Sem o mar canavial.
  
- Onde o búzio do deserto  
Esquecido pelo tempo,  
Não entoa nenhum canto  
Pois engole o próprio vento.
  
- E, de canga e corda, sôlto  
Nos confins da terra magra,  
O silêncio às vêzes pasta  
Sôbre as pedras, como cabra.

— Quando há morte, um urubu  
Sobrevoa a anti-paisgem  
Da Caatinga semi-morta,  
Campo e chão de aterrissagem.



— Para quem vive de dentro  
A Caatinga é pedernal  
Adomando o próprio homem  
Como bicho, em seu quintal.

— Que é com bichos que êle aprende  
A lição que não se ensina:  
De existir no mesmo espaço  
Repartindo a mesma sina;

— De sentir a mesma fome  
Que ao inverso ou por capricho,  
Torna o bicho mais humano,  
Faz o homem ser mais bicho;

— E servir, enquanto vivo,  
Para usar a terra usada;  
Quando morto, de enchimento,  
Para encher o vão do nada.



— Quando é noite na Caatinga  
Dorme a modo desigual  
O seu corpo em carne-viva,  
Seu cabelo vegetal.

— Acordando em muitas noites  
Sua gente se habitua  
A notar, pela janela,  
Que há um sol dentro da lua.

— Não um sol, como o da sêca,  
Que desola e carboniza;  
Nem um sol quando desperta,  
Mas um sol quando agoniza.

— Pois o seu sol verdadeiro  
Crava lâminas no chão;  
Sol-metal, de muitas velas,  
Ôlho mau de Lampião.

## 2. O Roçado

— Havia nêste roçado  
Pedra, raiz e saúva,  
Capim sêco e um sol maduro,  
Ausência plena de chuva

Tudo era morto e deserto,  
A fome comia a fome,  
O rio só tinha areia,  
A água não tinha nome.

A vida era dura e triste  
Como a morte é triste e dura.  
O chão sòmente se abria  
Servindo de sepultura.

Nas fôlhas das embaúbas  
(Como o suor do trabalho)  
A gente encontrava às vêzes  
Redondos pingos de orvalho.



Foi quando eu pensei comigo:  
Ainda sou forte e moço;  
— Terra, eu possuo uma enxada  
Capaz de roer teu osso!

E caí de unhas e dentes  
Previendo dias felizes,  
Cavando o corpo das pedras  
E destocando as raízes.

Transformei a minha enxada  
Em foice, trator, arado,  
No fim de quinze semanas  
Findei de pronto o rogado.



Foi luta de vida e morte,  
Igual a luta da guerra.  
O homem que a terra come  
Estava comendo a terra.

Foi luta de vida e morte,  
Do homem contra o Sertão,  
Da morte dentro da terra,  
Da vida dentro do grão.

Foi luta de vida e morte,  
Da qual saí vencedor:  
Do ventre inchado da terra  
Nasceu a primeira flor.



Eu tinha visto esta terra  
No mais completo abandono,  
Morada pelo silêncio  
Que era seu cão e seu dono.

Terra pobre, devastada  
Pelo sol de cada dia,  
De onde os bichos desertavam  
Da caatinga que morria.

Terra magra, sêca e morta,  
Sem sinal de plantação,  
Onde os ventos penetravam  
Na bôca da solidão.

Terra inútil como tôdas  
Ao seu lado e em seu redor;  
E apesar de igual às outras  
Era ainda bem menor.

Terra que, de tempo em tempo,  
Se encontrava em suas grêtas  
Um cardeiro estraçalhado  
Nos facões das pedras prêtas.



Como eu não tinha família,  
Construí uma palhoça  
Com vara, embira e palmeira,  
Nas margens da minha roça.

Foi quando veio a visita  
Que eu nunca pensei que houvesse  
Por esta terra onde tudo,  
Que tem de ser, acontece.



— Tem gente em casa? — Ô de fora?  
— De quem é êsse rogado?  
Parece excelente pasto  
De engorda, para o meu gado.

— Gravei aquelas palavras  
Bem dentro dos meus ouvidos  
Enquanto os ecos voavam  
Como pássaros fugidos.

Saí até sem camisa  
Suspendendo a refeição,  
E vi um homem de branco  
Montado num alasão.

Seus olhos azuis-escuros  
Entraram no meu olhar  
Como a bala entra no corpo,  
Sem contudo atravessar.



- De quem é êsse roçado  
Plantado na terra alheia?  
— É meu, Seu Doutor, e a terra  
É menos terra que areia.  
— E quem lhe deu essa ordem  
De cultivar terra minha?  
— Ninguém, Seu Doutor, e a roça  
Talvez nem chegue à farinha.

São quatro pés de mandioca  
Que há muito aqui não nascia.  
As sementes só são duas:  
Jerimum a melancia.

Cavei quase com meus dedos  
Esta terra que só dava  
Parasitas sôbre as pedras,  
E entre as pedras planta brava.



O homem nada me disse,  
Esporou o seu cavalo,  
Enquanto a manhã nascia  
Do bico agudo do galo.



À tarde chegou um *cabra*  
No meu roçado e falou:  
— Eis o dinheiro ajustado  
Que o meu patrão lhe mandou.

— Jogou no chão o dinheiro,  
E entrou pela mesma estrada  
Que tinha um jeito de cobra  
Entre as colinas, deitada.

O resto saber é fácil  
Sem precisar eu dizer:  
O homem comprou a roça  
Que eu não queria vender.

E como havia comprado  
Quase de graça, contudo,  
O meu trabalho perdido,  
Julgou-se dono de tudo.

Até que veio de nôvo  
Ao lado do cabra armado,  
Soltar seu gado faminto  
No pasto do meu roçado.

Em menos de meia-hora  
Estava tudo acabado;  
Sòmente o rastro dos cascos  
Ficou nos seixos marcado.



Comprei com aquêlo dinheiro  
Que o homem quis me comprar,  
Uma faca e uma espingarda  
Dessas grossas, de caçar.

Cavei duas covas rasas  
No lugar do meu roçado  
E esperei, dia após dia,  
O patrão e o empregado.

Um dia quando a manhã  
Surgia feita de nada,  
Notei um som de cavalos  
Sôbre o silêncio da estrada.



— Ainda não foi embora?  
— Me perguntou o patrão;  
Enquanto o *cabra* fechado  
Ergueu o rifle na mão.

Foi luta de vida e morte,  
Do peito contra o estampido.  
O homem que come os homens  
Estava sendo comido.

O resto é fácil saber,  
Está demais explicado:  
Plantei as duas sementes  
Nas covas do meu roçado.

### 3. *A Vila*

*a César Leal*

A—As casas pobres se apertam  
Sôbre a paisagem tranquila.  
A taipa, o sapé e o barro.  
Erguem os ombros da vila.

Em cada casa só há  
Lugar para uma janela  
Que o tempo sempre enverniza  
Da mesma côr amarela.

Se alguém avista de longe  
As suas casas pegadas,  
Parece que avista um feixe  
De pedras equilibradas.

Vista de baixo ou de cima  
Parece montanha ou serra  
Que às vêzes nasce do chão,  
Às vêzes no chão se enterra.

A vila sobe, se inclina,  
Torna a subir e se arreia,  
Como se fôsse uma onda  
De açúcar-bruto ou de areia.

Há muito que a vila é vila,  
E apenas pode crescer  
Como um cemitério cresce,  
Sem nunca deixar de ser.

Os moradores da vila  
Parecem todos iguais,  
E para as casas pequenas  
São, mesmo poucos, demais.

Trabalham nos seus limites  
Nos ramos mais variados,  
Do jeito que a vila ocupam  
São pela vila ocupados.



V—As casas pobres se apertam  
Sôbre a paisagem tranquila.  
Há sempre cabras pastando  
Nos arredores da vila.

Há sempre algum espreitando  
A velha estrada que vem  
Trazer as mesmas pessoas  
Sem nunca trazer ninguém.

Há sempre alguém espreitando  
Os ares secos e nus,  
Cortados de más notícias,  
Varados por urubus.

Há sempre alguém espreitando  
As nuvens feitas de brim,  
E o pano do céu que veste  
A vila no seu confim.

Há sempre alguém espreitando  
O vento, bom cavaleiro  
Que monta em si mesmo e corre,  
Servindo de mensageiro.

Há sempre alguém espreitando  
Que a vila cresça ou desabe,  
Ou em cidade se torne  
Ou para sempre se acabe.



I— Na estrada de areia e seixos  
Não sei por que, mas ficaram  
Os rastros das alpercatas  
Que os retirantes calçaram.

Faz muito que a vila é vila.  
Dos homens que ali chegaram,  
Metade dêles se foram,  
Metade dêles ficaram.

Se foram por um caminho  
Que não se pode voltar:  
Morreram, nasceram outros,  
Sem mesmo nada mudar.

Os ossos dos que morreram  
Mantêm seu corpo sustento  
Tal qual se fôsse formado  
De cal, tijolo e cimento.

Se alguém divisa na noite  
A vila envolta em mistério,  
Confunde as suas paredes  
Com os muros de um cemitério.



L— A vila às vêzes se enfeita  
Qual uma môça bonita,  
De bandeirolas vermelhas  
E taços azuis de fita.

Isso acontece sòmente  
Em cada ano uma vez,  
E embora o mês seja certo  
Varia o dia do mês.

Varia o dia sòmente  
Por só haver feriado  
Da sexta para o domingo,  
Ficando um dia impressado.

É o tempo de romaria,  
E como igreja não há,  
O povo convida um padre  
A muitas léguas de lá.

Mata carneiros e bodes,  
E para os meninos manda  
Que tragam de muito longe  
O som festivo da banda.

Vem gente de todo lado  
Na ânsia de ver de nôvo  
O povo que habita a vila  
E a vila que habita o povo.

É o tempo das mil promessas,  
Dos santos, dos amuletos.  
Os velhos dentro das opas  
Escondem seus esqueletos.

As môças seguem cantando  
Nos passos da procissão,  
Levando velas acesas  
Como lanternas na mão.

E a vila vê novamente  
Aquilo que sempre vê  
Um dia dentro do ano  
Sem nunca saber por quê.



A—As casas pobres se apertam  
Sôbre a paisagem tranquila  
Que abre os ouvidos das coisas  
E escuta o canto da vila.

#### 4. *A Cidade*

A—Quem sobe a longa ladeira  
De pedras e massapê,  
Antes de ver a cidade  
Vê que a cidade lhe vê.

Depois, sem ver o seu corpo,  
Vê seu cabelo ou o chapéu  
Da tôrre alta da igreja,  
Que aguenta o pêso do céu.

Sôbre a montanha ondulada  
Abrindo seus braços nus  
As ruas sempre se espalham  
Como uma estrêla sem luz.

Estrêla que, como as águas  
De um rio espêso ou canal,  
Deixa a cidade e penetra  
De vez, no canavial.

Qual uma draga mordendo  
Lama, lôdo, areia, dor,  
A cidade tem seus dentes  
Movidos por um motor.

E como se fôsse um polvo  
Maior que os polvos normais,  
À medida em que se estende  
Sempre cresce um pouco mais.

Êsse recuo dos engenhos  
Para a cidade avançar,  
Dá a impressão passageira  
Que a praia devora o mar.

Mas enquanto a praia avança,  
O mar nela se enrodilha  
Como uma cobra, tornando  
A cidade em simples ilha.

Cercada dentro do verde  
Que a entrelaça qual cipós,  
A cidade é como um campo  
Entre cêrcas de avelós.



L—Embaixo um silêncio pausa  
Sôbre o capuz da estação,  
Até que o trem do Recife  
O leve em cada vagão,

Como caixotes de frutas  
Vindos do Agreste ou Sertão,  
De trem, por ser mais barato  
Que o frete de caminhão.

A cidade nunca viu  
Êsse trem que em horas certas  
Faz ouvir o seu apito  
Quando há janelas abertas.

Tampouco êsse trem conhece  
Nada acima da ladeira,  
Além dos homens cansados  
Que descem, no fim da feira,

Trazendo o pouco dinheiro  
De um apurado comum:  
O prêço da mesma fome  
Da vida de cada um.



I—Pousada sôbre a montanha  
Onde a visão se aniquila,  
No coração da cidade  
Há qualquer coisa de vila.

A mão de um lento progresso  
Marcando passo marchou;  
Porém nem todo o passado  
Como acontece, passou.

Não sei que vagas lembranças  
Desalembradas, mofinas,  
Enquanto as outras morreram  
Permaneceram meninas.

Na consciência dos velhos  
Sòmente o tempo se foi,  
Puxado pelo futuro  
Como por fôrça de boi.

Só que se foi tão ligeiro  
Que não correu mas voou,  
Principalmente o não-tempo  
Que foi perdido e passou.



A—A cidade é sempre a mesma,  
Acomodada, pacata,  
Que eu chamaria de Agreste  
Não fôsse Zona da Mata.

De “Mata” tem tão-sòmente  
A côr do canavial  
Com seus engenhos que cabem  
Dentro da usina local.

Usina que tem o mesmo  
Nome próprio da cidade,  
E dela não se separa  
Por ser a sua metade.

Como se fôsem as faces  
De uma moeda, ou ainda:  
Fôsse a cidade o Recife  
E a usina fôsse Olinda.



N—A cidade, como um rio,  
Ao chegar na sua foz,  
Tem um cemitério onde  
Dorme o tempo e os meus avós.

Não só êles como os outros  
Que antes dêles ou depois  
Se apagaram para sempre,  
Um por um, como êles dois.

Hoje todos são os mesmos  
Sem sinal de distinção,  
Nem ninguém mais que o silêncio  
Que os vigia feito um cão.

Mas não é sòmente a morte  
Que mistura a mesma cal;  
A cidade, além do tempo,  
Faz a vida e a morte igual.



Ç—Como tôdas as cidades  
Dos arredores e até  
As cidades que a limitam:  
Timbaúba e Nazaré.

Aliança tem há muito  
Vida própria, independente,  
Sua cara embora muda  
Pouco muda a sua gente.

O seu padre é o mesmo padre  
Que há dez anos traz a sina  
De levar luto dos outros  
Na côr negra da batina.

Suas lojas têm ainda  
Nos balcões, sempre às ocultas,  
Os mesmos panos de chita  
Para as mocinhas matutas;

E algodãozinho, cambraia,  
Linho, brim, madapolão,  
Para vestir os meninos  
Nos dias de procissão;

Além das roupas de mescla  
Ou cáqui, que às vêzes veste  
O povo quase sem roupa  
Da paisagem do Nordeste.

Nordeste que tem no mapa  
A côr azul, imprevista,  
Que salta nos nossos olhos  
Até perder-se de vista.

Mas dentro do mapa inteiro  
Parece um trecho afogado  
Debaixo das alpercatas  
Do povo nordestinado;

Ou atolado no mangue  
Da terra, que seca ou medra,  
Como se fôsse o Nordeste  
Quase mangue e sempre pedra.

Mais velha que as outras coisas  
É a solidão da cadeia,  
Que desgasta a vida e o vento  
Como a água gasta a areia.

É indispensável falar  
Do seu grupo e seu mercado  
Que, ou pararam no tempo  
Ou o tempo ficou parado.

A cidade às vezes tenta  
Mas sem sucesso nenhum,  
Falar a todos os homens  
De um desespêro comum.

Desespêro de cidade  
Em querer participar  
Da vida que existe dentro  
Do povo e não do lugar.

Vida que, mesmo difícil,  
De tudo que Deus nos dá,  
É tudo que se procura  
Dentro de tudo que há.



A—Nêsse cresce cresce lento  
Mês a mês, ano após ano,  
Dois engenhos se consomem:  
Mata Limpa e Laureano.

Por má sorte êles ficaram  
Entre a cidade e a usina  
Que os come pelos dois lados  
Com a mesma fome canina.

Fome assim, dizem os velhos,  
Só houve em Setenta e sete,  
Pois o povo não comia  
Naquêle tempo, gillette.

Essa conversa de usina  
Comer engenho é vulgar,  
Porém é nova essa estória  
De praia comer o mar.

Não penso só nos engenhos  
Que já não são de ninguém,  
Penso nos homens famintos  
Que são comidos também.

E como dizer Nordeste  
É o mesmo que dizer fome,  
Quem quiser comer a terra  
Saiba que a terra nos come.

##### 5. A C ê r c a

Entre as estacas fincadas  
Na terra virgem de arado,  
O vento às vezes se fere  
No rude arame-farpado.

Em vez do espêso avelós  
Que forma verde liame,  
A cêrca separa o campo  
Com dedos feitos de arame.

Nos seus gomos enrolados  
Sempre pousam passarinhos  
Cortados pelos limites  
Dos dois terrenos vizinhos.

As imbiribas ressecas  
Permanecem verticais,  
Seguindo a linha ondulante  
Das divisões desiguais.

No áspero rosto do solo  
De amarelado verniz,  
A cêrca sulca estirada  
Como longa cicatriz.

As suas ramas não nascem  
São no seu corpo pregadas.  
Raiz nenhuma sustenta  
As suas hastas plantadas.

Na paisagem dos contrastes  
E de silêncios iguais,  
O cardo com seus espinhos,  
A cêrca com seus punhais.

#### 6. *A S o c a*

O mar do canavial  
Depois de cortado, aborta  
O mar da soca, outro mar,  
Vazante, de maré morta.

Mar raso, de ondas escassas,  
Que apenas consegue herdar  
Das praias do mar antigo,  
Os alicerces de mar.

Mas ao contrário da pedra  
Sôbre a pedra edificada,  
A soca nasce de dentro  
Da própria planta, abortada.

De construção diferente  
A soca se auto-constroi,  
Equilibrando tijolos  
Feitos de gomos e nós.

Porém de tijolos ôcos,  
Com barro mole no centro,  
Que, como casa de taipa,  
Se arruina tôda, por dentro.

Pois é por dentro vazia  
Como uma sala deserta,  
E sempre tem vazamentos  
Na palha, quando coberta.

Só que não é tão vazia  
Como o vazio bambu,  
Que ao revestir-se por fora  
Faz-se, por dentro, mais nu.

Nem tão vazia, tão ôca,  
Como o caniço, a taboca,  
Que sempre são mais vazios  
Do que os vazios da soca.

Nem mesmo quando os pendões  
Passam do teto da casa,  
Como as antenas de rádios  
Ou espumas da maré rasa.

#### 7. *O V e n t o*

O vento desta planície  
Teve os membros decepados  
Nos gumes de uma estrovenga,  
Que corta pelos dois lados.

Porisso é que êle se arrasta  
Como uma grossa serpente,  
Engolindo e mastigando  
Os cabelos dessa gente.

No verão se faz macio  
Como um fruto sem caroço,  
E vertical como as águas  
Que crescem dentro de um poço.

Qual uma alva bandeira  
Feita de buchas ou rôlhas,  
Sua borracha se rasga  
Nas facas verdes das fôlhas.

Entre as brechas dos rochedos  
Êle desce como um fuso,  
Cantando canções tão ásperas  
Como sopradas num búzio.

Enquanto os ecos partidos  
Que voam na retaguarda,  
Se espalham, se fragmentam,  
Como um tiro de espingarda.

### 8. *A Fonte*

A fonte límpida canta  
O canto das águas puras,  
Nascidas na manhã clara  
Do parto das rochas duras.

O salto das águas vivas  
Faz imóveis movimentos.  
Na bôca fresca da fonte  
Bebem os lábios dos ventos.

Segue no corpo das águas  
A liquidez transformada  
No ventre das rochas feitas  
De branca areia lavada.

A voz que a fonte derrama  
Tão leve sai da garganta  
Que quando bate na pedra  
Parece que a pedra canta.

A fôrça que impede o eco  
Das águas em seu redor,  
Fere os ouvidos das rochas  
Onde o silêncio é maior.

O próprio silêncio às vêzes  
Vindo de muito distante,  
Bebe, cansado e sedento,  
O canto limpo da fonte.

### 9. *O Rio*

A noite pesa nas águas  
Do rio que sempre leva  
Um pouco de luz no dorso  
Da sua carne de treva.

No espelho de metal-chumbo  
O rosto branco da lua  
(Enquanto os raios se afogam)  
Qual um cadáver flutua.

Não há sequer uma ruga  
Na superfície do rio  
Que entra tão calmo no pôrto  
Como se fôsse um navio.

Vindo de longas andanças  
Feriu-se em pedras punhais,  
Até sentir-se apertado  
Dentro dos ombros do cais.

Contudo, trouxe em seus olhos  
Já cegos no litoral,  
O verde mar que há nas palhas  
Do vasto canavial.

Contudo, trouxe em seus lábios  
Já gastos de caminhar,  
O gosto doce das canas  
Inverso ao gosto do mar.

Porisso um caldo de espumas  
Ao céu se atira sombrio,  
Quando a moenda do mar  
Esmaga as águas do rio.

## 10. *O Navio*

Dentro da Zona da Mata  
Há muito do litoral.

— A Usina é sempre um navio  
Parado no mar de fôlhas  
Do verde canavial.

— Navio que não navega  
Por ser demais navegado;  
Em cujos porões transporta  
(Em vez dos negros de Angola)  
Açúcar branco ensacado.

— Navio que permanece  
Imóvel, no mesmo rumo,  
Soltando continuamente  
Da bôca do seu bueiro  
Pequenas nuvens de fumo.

— Navio que não se encontra  
Com outras embarcações,  
E apenas vê no horizonte  
Os panos limpos das velas  
Que são os alvos pendões.

— Navio que já tomou  
Lugar de muitas jangadas  
Que dormem, sem tripulantes,  
Nos cemitérios marinhos,  
Sob o seu casco, afogadas.

— Navio que só naufraga  
Se o próprio mar naufragar;  
Pois tanto tem de navio  
Quanto as canas têm de verde  
Como o verde tem de mar.

— Navio que não tem pôrto  
Mas vive sempre ancorado  
Em pleno mar, onde os peixes  
São homens, velhos meninos,  
Mulheres, plantas e gado.

— Navio que não parece  
Mais nada senão navio.  
Do mesmo jeito que o mar  
(Embora sendo de fôlhas)  
É mar sem nada de rio.

— Navio que só de perto  
Se faz parecer Usina,  
Tombado nos arrecifes  
Do mar de canas e ventos  
Desta praia nordestina.

## 11. *A Praia*

A praia é feita  
De esponja e cal,  
Sargaço e concha,  
Marisco e sal.

Seu corpo branco  
De mar lavado,  
Parece o corpo  
De um afogado.

Um corpo simples  
De luz-metal,  
Que deu um dia  
No litoral.

Um corpo virgem  
De môça nua,  
Batido e limpo  
De sol e lua.

Um corpo fresco  
De areia e bruma,  
Trazendo à bôca  
Saliva e espuma.

Um corpo imóvel  
Na sua linha,  
Com seus cabelos  
De alga marinha.

Um corpo longo  
Que o mar afaga  
Com a língua verde  
Do azul da vaga.

Um corpo morno  
Que o vento esfria  
Com o sôpro sêco  
Da maresia.

Um corpo apenas  
Sem respirar.  
Espêso corpo  
Que é chão do mar.

## 12. *Marinha*

### I

Quando o mar fêz-se inútil como os ventos  
E os nossos olhos cegos e vazios,  
Reinventei o mar e outros inventos  
Como peixes, sereias e navios.  
E as hélices do mar e os cataventos  
Circulantes nos braços das procelas  
Que causaram naufrágios violentos  
Nas primeiras e antigas caravelas.  
Reinventei o mar, sargaços, ilhas,  
E as naus imóveis sôbre as rôtas quilhas,  
Que nas praias parecem navegar  
Lendas e sonhos, quando os ventos fusos  
Sopram nos lábios úmidos dos búzios  
E na folhagem líquida do mar.

### II

Existe um reino não encontrado  
Pelos piratas e navegantes  
Dêste maralto que nunca dantes  
Foi descoberto nem navegado.  
Reino fechado por sete-chaves,

Onde as sereias tocando flautas  
Criam as lendas e os argonautas  
Com sonhos mortos de antigas naves.  
Não há estrêlas, sóis, instrumentos,  
Bússolas, mapas, rosa-dos-ventos,  
Rotas, roteiros, ou qualquer trilha  
Para guiar-nos neste maralto  
Reinventado talvez mais alto  
Que o baixo nível da própria ilha.

13. *A Ilha*

(Santo Aleixo)

A ilha de Santo Aleixo  
De longe chega a formar  
Com as ondas das suas fôlhas  
Um mar no meio do mar.

Um mar apenas contido  
Por outro mar mais espêso  
Que não lhe serve de praia  
Por lhe servir de começo.

Um mar que nunca se estende  
Como lençol ou planície,  
Por ter de mar tão-sòmente  
O verde da superfície.

Um mar aberto no campo  
Qual simples lago ou lagoa,  
Que afunda na preamar  
Na baixamar sobrevoa.

Um mar que sempre absorve  
Por não poder espalhar,  
O verde de que se forma  
Do verde que forma o mar.

Um mar que não fôsse mar  
Mas que existisse contudo,  
Seria, se nada fôsse,  
O nada dentro de tudo.

Um mar que sempre aparece  
Defronte do nosso olhar  
Que, farto de tanto verde,  
Confunde tudo de mar.

14. *O Galo e a Manhã*

Do canto do galo nascem  
As côres da madrugada.  
Sob as ondas submersas  
(Qual uma virgem despida)  
Morre uma estrêla afogada.

A custo, vejo um pedaço  
Do limpo disco solar,  
(Imenso submarino  
Rasgando a flor indefesa  
Da superfície do mar.)

Onde era o rosto da noite  
Forma-se a face do dia;  
Onde era escuro faz claro,  
E a luz se firma no espaço  
Onde só trevas havia.

Bem antes dos passarinhos  
O galo apenas cantou;  
Seu canto sêco e metálico  
Feito de sons e de plumas  
A madrugada formou.

Um vento feito de praia  
(Depois que desfez as brumas)  
No seu vôo, aéreo e manso,  
Traz aos lábios do mar morno  
A saliva das espumas.

De substância inflamável  
Tôda a manhã se incendia;  
(Os mariscos coloridos  
São as unhas transparentes  
Da mão extensa da areia.)

De sons, silêncios e luzes,  
O dia pronto ficou;  
Tecido dos fragmentos  
Do canto austero do galo  
Que há muito silenciou.

### 15. *O Gato e a Noite*

Havia na noite escura  
Um gato da côr da noite,  
Cujos olhos espantavam  
As trevas, qual um açoite.

Presságio? Mandinga? Agouro?  
Quem sabe? Quem adivinha  
Se o gato — vinha da noite,  
Se a noite — do gato vinha?

Só sei que duas estrêlas  
Brilhavam nos olhos seus,  
Enquanto a noite de luto  
Fechava os olhos dos céus.

Havia muito silêncio.  
Mas eu sentia em meu tato  
Os pêlos negros da noite  
Nos negros pêlos do gato.

Era uma noite tão negra  
Que em duas se confundia,  
Não sei se a noite aumentava,  
Não sei se o gato crescia.

Só sei que daquela noite  
Esta verdade perdura:  
Um gato da côr da noite  
Havia na noite escura.

### 16. *O Cão*

Fechado dentro do tempo  
Comido de solidão,  
O cão devora o silêncio,  
A noite devora o cão.

Imóvel, como uma pedra  
Que houvesse em meio da rua,  
O cão goteja varado  
Da faca branca da lua.

Nem mesmo o vento noturno  
Consegue enriçar seu pêlo,  
E o cão engole o silêncio  
Sem fôrça para mordê-lo.

As nuvens plúmbeas no espaço  
Desenham grandes perdizes.  
Do cão as patas fincadas  
Parecem quatro raizes.

Seus olhos fosforescentes  
Atingem trevas famintas;  
A sua língua pendente  
Transpassa sombras extintas.

Seu corpo só se limita  
Na noite não limitada,  
E o seu focinho pressente  
O faro da madrugada.

### 17. *O Canto*

Existe um pássaro  
— O rouxinol —  
Que canta o canto  
Da chuva-sol.

Um canto inteiro  
Que se desfia,  
Como o sol-prumo  
Ao meio-dia.

Um canto exato  
Sem ter emenda,  
Como um sapato  
Sob encomenda.

Um canto sempre  
De sons e vento,  
Que serve às vezes  
Como alimento.

Um canto intenso,  
Contínuo, estável,  
Feito de um aço  
Mais penetrável.

Um canto erguido  
Com solidez,  
Que não se quebra  
Nenhuma vez.

Um canto à mostra  
Que se destaca  
Como uma lâmina  
De espada ou faca.

Um canto aéreo  
Como os demais,  
Que fere as pedras  
Com seus metais.

Um canto aberto  
De par em par,  
Como janelas  
Defronte ao mar.

### 18. *O Canto da Bigorna*

Bate o martelo  
Canta a bigorna,  
O mesmo canto  
No mesmo tom.  
Voam fagulhas  
Quais vagalumes;  
Ferro no ferro  
Eco do som.  
Dentro da tenda  
O fole sopra  
As brasas vivas  
Para tornar  
O ferro-frio  
Semi-moldado

No ferro pronto  
Para moldar.  
Bate o ferreiro  
Canta o trabalho,  
Um canto grave  
Sincero e bom.  
Bate e rebate,  
Tine e retine,  
Ferro no ferro  
Eco do som.  
Parece o canto  
De uma araponga  
Prêsa à bigorna  
Do ferrador,  
De asas abertas  
Sob o martelo  
Que arranca o grito  
Da sua dor.  
Porém o canto  
De amor e luta  
Invade a terra,  
Transpõe o mar.  
Talvez, quem sabe?  
Tenha a bigorna  
Lábios de ferro  
Para cantar.

19. *Poemeto Menor*

Menor que Bandeira  
Menor que Drummond,  
Mais prêto que a noite  
Mais branco que a lã,  
Irmão da desgraça  
Parente da dor,  
Nascido da vida

Às vêzes, do amor...  
De ferro e de fogo  
De luz e de som,  
Menor que Bandeira  
Menor que Drummond,  
De tudo ou de nada  
De coisa qualquer,  
Da fôrça do homem  
Da dor da mulher,  
Do efêmero-eterno  
Do breve-sem-fim,  
De fora do mundo  
De dentro de mim,  
Da mente tão louca  
Tão louca e tão sã,  
Da côr do sol-pôsto  
Da limpa manhã,  
Talvez de uma estrêla  
Feliz que morreu,  
A vida é meu canto  
Meu canto sou eu.  
Eu que sou apenas  
(Nem mau e nem bom)  
Menor que Bandeira  
Menor que Drummond.

20. *Poemeto do Tecelão  
ou a Canção Tecida*

*A Hermilo Borba Filho,  
também tecelão de palavras.*

Tece, tece, tece, tece,  
Bem tecida essa canção,  
Um a um, fio por fio,  
Como faz o tecelão  
Que fabrica o seu tecido  
De cambraia de algodão.

Prende os fios coloridos  
No labor da tua mão,  
Tece, tece, tece, tece,  
Bem tecida essa canção,  
Com carinho, com cuidado,  
Com silêncio e solidão.  
Tece, tece, que tecendo  
Cresce, cresce a fiação,  
Urde as formas das estampas,  
Firma as côres do padrão,  
Roda a roda, tece, tece,  
Bem tecida essa canção.  
Noite e noite, sempre e sempre,  
Nunca inútil, nunca em vão,  
Dia a dia te aproximás  
Mais e mais da perfeição.  
Não te falte uma esperança,  
Nem te falte uma razão  
Que tecida por ti mesmo  
Faz nascer essa canção.  
Tece, tece, muito e muito,  
Por dever e obrigação,  
(Pois tecer é teu ofício  
De poeta e tecelão)  
Tece como se tecesses  
Tua morte ou redenção,  
Com amor e sacrifício,  
Rapidez e lentidão,  
Muito embora ninguém saiba  
Que teceste esta canção  
Com os fios do teu pranto  
No tear do coração.